

TRAJETÓRIA DO CURSO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES SOCIAIS EM PORTO ALEGRE: EDUCAÇÃO POPULAR E PEDAGOGIA FREIRIANA

Fernanda dos Santos Paulo

Neila Sperotto

Resumo

O presente texto recupera a história do primeiro curso intitulado como Formação de Educadores Sociais com perspectiva na pedagogia freiriana e na educação popular. O Curso é fruto da demanda de educadores vinculados na Associação de Educadores Populares e Porto Alegre (AEPPA) no ano de 2009 sendo executado pelo Instituto Social Brava Gente a partir de 2010. A concepção de educação crítica é advinda da trajetória dos movimentos populares gaúcho, cuja luta é por projetos de sociedade emancipatória; por isso, Paulo Freire é o autor que embasa a proposta pedagógica do Curso. A metodologia de análise é a sistematização de experiência de Oscar Jara.

Palavras-chave: Educação Popular. Educadores Sociais. Formação. Paulo Freire.

Abstract

The present text recovers the history of the first course entitled Training of Social Educators with a perspective on Freirian pedagogy and popular education. The course is the result of the demand of educators linked in the Association of Popular Educators and Porto Alegre (AEPPA) in the year 2009 being executed by Instituto Social Brava Gente as of 2010. The conception of critical education comes from the trajectory of the popular movements gaúcho, whose struggle is for projects of emancipatory society; therefore, Paulo Freire is the author who bases the pedagogical proposal of the Course. The methodology of analysis is the systematization of Oscar Jara.

Keywords: Popular Education. Social Educators. Formation. Paulo Freire.

O início: Associação de Educadores Populares de Porto Alegre (AEPPA)

A associação de Educadores Populares de Porto Alegre - AEPPA é uma associação que nasceu do Movimento de Educação Popular (MEP) com o objetivo de reivindicar, participar, buscar e construir propostas de formação dos educadores (as) populares nos diferentes níveis: fundamental, médio, médio técnico e superior, cuja base teórico-metodológica é a Educação Popular. Constitui-se em uma organização de garantia de qualificação de profissionais que atuam na educação infantil e na educação de jovens e adultos, bem como em programas diversos vinculados a assistência social (trabalho educativo, oficinas, serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, abrigos,

educação de rua, etc.) Trabalha-se com educadores que atuam em contextos escolares e espaços não escolares.

Este movimento de Educação Popular busca, na luta por formação de educadores, articular-se com instituições públicas e privadas de cunho comunitárias para celebrar parcerias que visem a formação de educadoras cujos temas não se desvinculem da Educação Popular e dos Movimentos Sociais. Essas educadoras, focadas no desejo de formação inicial e permanente para qualificar o trabalho educativo realizado nas instituições comunitárias de Porto Alegre, onde atuam já conquistaram o acesso em instituições formativas (UERGS, PUC, IPA, FAISA, Instituto Superior Ivoti e Instituto Social Brava Gente, etc.) como pode ser constatado na dissertação de Paulo (2013).

No caso específico do contexto de trabalho de educadores que atuam em espaço não escolar, objeto desse texto, o curso destina-se a qualificar educadores sociais na perspectiva da Educação Popular, com a intenção de romper com a trajetória de políticas remediadoras que não discutem projeto de sociedade vinculado aos pressupostos de uma pedagogia freiriana com sentido socialista (PAULO, 2018).

No decorrer desse artigo apresentaremos o Instituto de Desenvolvimento Social Brava Gente e, posteriormente, a história do primeiro curso intitulado como Formação de Educadores Sociais com perspectiva na pedagogia freiriana e na educação popular.

1.2 SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS: METODOLOGIA DE ANÁLISE

O educador popular Oscar Jara (2006) que contribuiu na fundamentação teórico-metodológica de como e porque utilizar a sistematização de experiências como ferramenta que contribuiu para a realização do registro teórico-prático do objeto de pesquisa, o curso para educadores sociais. Para Jara (2006), existem aspectos que colaboram para o registro das experiências, e um deles é o da necessidade do sujeito que escreve e pesquisa ter participado da experiência, o nosso caso. O outro é o de fazer um recorte daquilo que se quer sistematizar (a experiência do curso que se insere em um contexto mais amplo de organização popular).

Conforme Jara (2006), a sistematização é um processo continuado que produz conhecimentos ao associar a teoria e prática. Portanto, a sistematização da experiência de pesquisa a partir das experiências da Educação Popular:

[...] pressupõe como fundamento a Concepção Metodológica Dialética, que entende a realidade histórico-social como uma totalidade, como processo

histórico: a realidade é, ao mesmo tempo, una, mutante e contraditória porque é histórica; porque é produto da atividade transformadora, criadora dos seres humanos. (JARA, 2006, p. 8).

Freire, em seu livro “Cartas à Guiné-Bissau: Registro de uma experiência em processo” (1978) traz a experiência relatada em cartas, o que significa tornar a prática de registrar como processo de aprender e ensinar, trazendo possibilidades da reflexão-ação. Nesse aspecto, registrar a nossa experiência contribui para a nossa reflexão enquanto autoras desse texto e do contexto registrado, assim como na recuperação e socialização da história da Educação Popular de Porto Alegre e do Brasil. A partilha do saber é uma dimensão política e pedagógica da Educação popular, conforme Brandão (2006) e Paulo (2013), além de vir ao encontro do que Boaventura de Sousa Santos (2000) alerta acerca de não desperdiçarmos as nossas experiências.

Para Oscar Jara (2006) a sistematização de experiência parte de uma concepção dialética da história. Esse é um apontamento importante e esclarecedor no que se refere ao que entendemos por Educação Popular. Utilizando-nos de Paulo Freire queremos nos situarmos na teoria crítica.

A opção pela sistematização de experiências revela que a Educação Popular pode e deve adentrar-se na agenda da universidade, seja através de artigos, trabalhos de conclusão de cursos e ou nas propostas pedagógicas dos cursos de formação. A sistematização de experiências está atrelada a Educação Popular assim como nas pesquisas participativas, como podemos observar na citação abaixo:

Mantendo os mesmos princípios da pesquisa participante e da IAP (*investigación-acción participativa*), a sistematização enfatiza o papel da memória coletiva, reconhece a complexidade dos fenômenos sociais e valoriza a diversidade de linguagens para nomear e interpretar a realidade (STRECK & ADAMS, 2014, p. 35).

Os autores acima, juntamente com Brandão (2006) e Paulo Freire (1978) são referências da Educação Popular, assim como Oscar Jara (2006).

Sobre a sistematização de experiências, alguns apontamentos são necessários e, para tanto, utilizando-nos de Oscar Jara apresentaremos apontamentos que explicitam as concepções de método, metodologia e educação utilizamos.

O primeiro destaque são as condições de contexto (econômica, cultural, social, pedagógica, etc.) da experiência que será sistematizada. Para Oscar Jara (2006) o contexto não é externo à experiência, mas uma dimensão da história a ser registrada e

analisada. Além desse ponto, toda experiência tem suas particularidades, ações, sujeitos envolvidos, tensionamentos e características. Ou seja, essa não é uma metodologia neutra.

A segunda nota sobre a sistematização de experiências refere-se a análise: a sistematização como interpretação crítica, advém de um esforço de compreender o sentido e o significado das experiências para produzir um novo conhecimento. Por fim, a sugestão de Oscar Jara contribui para o entendimento da metodologia, cuja proposta em cinco tempos vem nos inspirando no processo de sistematização de experiências: 1) O ponto de partida; 2) As perguntas iniciais; 3) Recuperação do processo vivido; 4) A reflexão de fundo; 5) Os pontos de chegada.

Partindo desses cinco tempos descrevemos de onde partimos. Somos participantes da experiência da AEPPA e do Instituto Social Brava Gente, temos registros das experiências em diferentes formas (trabalho de conclusão, artigos, fotos, atas, projeto político, etc.). Sabemos o que queremos pesquisar e partimos da seguinte pergunta: Por que queremos sistematizar a história da Educação Popular de Porto Alegre? Escolhemos quais experiências para sistematizar? Por que recuperar a história de cursos de formação de educadores sociais de Porto Alegre?

Diante dessas perguntas definimos o objetivo desse trabalho e delimitamos o objeto de estudo. Posteriormente, realizamos um processo de recuperação dos documentos, fotos, depoimentos registrados e referências bibliográficas sobre o tema escolhido. Iniciamos o tempo da recuperação do processo vivido reconstruindo a história do curso a partir de documentos localizados. Ordenamos, classificamos e selecionamos os materiais que consideramos importantes para este texto. Por último, buscamos analisar criticamente a experiência para sistematizá-la de modo a socializar a nossa história.

Em síntese, a sistematização de experiências da Educação Popular é um dos instrumentos metodológicos privilegiados na construção de pesquisas que partem de contextos vividos e requerem reconstruir a história de modo participativo.

2. INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL BRAVA GENTE

O Instituto de Desenvolvimento Social Brava Gente é uma instituição privada, sem fins lucrativos e voltada à formação cidadã. Desenvolve trabalhos de pesquisa, ensino e extensão, em todos os níveis e modalidades, visando à formação de pessoas reflexivas, críticas e ativas para atuação como agentes transformadores, possibilitando a educação

inicial e continuada, para atender as demandas advindas da comunidade acadêmica e da sociedade em geral.

O Instituto de Desenvolvimento Social Brava Gente surgiu em final de 2007, fruto do sonho e do empenho de um grupo de professores e professoras que se reuniram para pensar em projetos qualificados de ensino em vários níveis. Como a experiência da equipe vem do ensino superior, o primeiro projeto concreto abarcado foi o Curso de Pós-Graduação em Educação Popular. O curso foi concebido de forma conjunta com a AEPPA - Associação das Educadoras Populares de Porto Alegre e com o apoio da ATEMPA - Associação dos Trabalhadores em Educação do Município de Porto Alegre. O público inicial atendido foi de 50 educadores e educadoras populares, os quais trabalham como educadores e monitores em sistemas socioeducativos (FASE, antiga FEBEM), escola aberta, no Ação Rua, no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, como pedagogo de ONGs, e demais trabalhadores que atuam em contexto não escolar.

Tanto a AEPPA como o Brava Gente tornaram-se referência importante para a Educação Popular gaúcha, uma vez que proporciona sem nenhum auxílio governamental, aulas para educadores que não teriam acesso a este tipo de formação pelos altos custos dos cursos de especialização e de formação de educadores sociais (curso de extensão).

O trabalho do Brava Gente tem como base epistemológica uma visão de educação que não mercantilize o saber, mas o utilize para a emancipação das classes populares através de cursos qualificados, voltados à realidade destas classes. O curso começou em abril de 2008 formou a primeira turma em abril de 2010, cujas autoras fizeram parte desde o primeiro curso, uma como aluna e outra como docente do curso de especialização.

3. FORMAÇÃO DE EDUCADORES SOCIAIS: PEDAGOGIA FREIRIANA E EDUCAÇÃO POPULAR

O curso começou a ser pensado e desenhado em 2009 através da demanda advinda da AEPPA. Em 2010 formou-se a primeira turma, tendo continuidade até os dias de hoje. Inicialmente cobrava-se um valor simbólico por conta do aluguel do espaço físico e do pagamento dos profissionais que atuavam nos cursos. De 2017 em diante, a AEPPA assumiu a coordenação geral dos cursos e estes tornaram-se gratuitos, realizando-se em instituições parceiras. O Instituto de Desenvolvimento Social Brava Gente continua parceiro e na coordenação desses cursos, além de outras instituições e movimentos

populares que vem colaborando no processo de execução dos projetos de formação na perspectiva da Educação popular.

Os objetivos centrais do curso permanecem os mesmos com modificações oriundas das pesquisas da realidade. Os primeiros educadores sociais que buscaram qualificação nos cursos realizados pela AEPPA e Instituto de Desenvolvimento Social Brava Gente são, na maioria, trabalhadores de instituições do terceiro setor com experiência de participação em movimentos sociais. De 2014 em diante o público foi mudando, e percebeu-se que a procura pelo curso também se deve a possibilidade de emprego na área da educação não escolar.

Concernente aos objetivos eles são: a) Proporcionar um conhecimento específico dos saberes teóricos e técnicos da Pedagogia Freiriana e do seu objeto de estudo: a Educação Popular no contexto não escolar; b) Gerar oportunidades de reflexão crítica acerca das distintas análises e intervenções no contexto não escolar e das novas lógicas de desenvolvimento social e comunitário; c) Promover discussões teóricas de concepção de projetos de sociedades, de investigação e de intervenção socioeducativa nas modalidades de prevenção social, apoio social (suporte social e institucional), (re) integração social de grupos específicos e animação socioeducativa e cultural; d) Conhecer a pedagogia freiriana e Paulo Freire a partir de estudos e leituras das obras sobre o tema, relacionando aos movimentos sociais, educação não escolar e políticas sociais.

As coordenadoras dos primeiros cursos foram: Merli Leal Silva e Neila Sperotto. Em 2012, as pedagogas Evelin de Oliveira Haslinger e Fernanda dos Santos Paulo (AEPPA) somaram-se no grupo de coordenação.

Em 2016, Neila Sperotto (Instituto de Desenvolvimento Social Brava Gente) e Fernanda dos Santos Paulo (AEPPA) assumem a coordenação geral dos cursos. Em 2017 o curso passou a ser realizado pela AEPPA com a parceria direta do Instituto de Desenvolvimento Social Brava Gente, tanto na organização como na coordenação geral.

Com relação ao projeto político pedagógico, ele foi construído juntamente com as educadoras vinculadas na AEPPA, socializado em reuniões abertas e divulgado no site do Brava Gente (<http://www.bravagente.org.br/>) e depois na página do facebook da AEPPA. O curso iniciou na sua primeira versão com quatro módulos totalizando 120 horas, organizando-se da seguinte forma:

MÓDULO I	MÓDULO II	MÓDULO III	MÓDULO IV
Fundamentos de Educação Popular- SEMINÁRIO PEDAGOGIA FREIREANA	Intervenção socioeducativa à educação popular: prática de liberdade e autonomia (Paulo Freire)	Educador Social: perfil e demandas profissionais	Práticas de Educação não escolar e projetos pedagógicos alternativos
Este componente curricular abordara os fundamentos da epistemologia freiriana, como práxis (ação e reflexão) nas práticas da educação não escolar.	Este componente curricular abordara as interventivas do educador social nos ambientes educativos não escolar. Trabalha os movimentos sociais e as políticas públicas. Contextualiza a Política pública de assistência social: princípios, diretrizes e objetivos. Assistência Social e as proteções afiançadas: proteção social básica e proteção social especial. O conceito de organização do sistema único de assistência social (SUAS). A integração com o Sistema de Garantia de Direitos. Rede de atendimento e outras legislações.	Este componente curricular aborda a identidade do educador social, seu papel como agente transformador, sua missão, valores e função social, pedagógica e educativa. Aborda os conceitos relativos ao papel social e controle social na família, grupos e instituições. Formação e avaliação de atitudes, estereótipos e preconceitos.	Este componente curricular abordara as formas do fazer educação não escolar na perspectiva da educação popular, através de estudos de caso e relatos de experiências pedagógicas inovadoras e produtivas para a reinvenção do ensinar e aprender. Investigação e intervenção em questões sociais.

O curso foi bastante procurado, sobretudo por educadores sociais que atuam em contexto não escolar. Também, por educadores que desejam trabalhar como educadores sociais, principalmente estudantes de graduação ou militantes de movimentos sociais.

As turmas aconteciam no período da noite e em cada turma havia entre 15 a 20 educadores. A primeira turma iniciou no segundo semestre de 2010, com 21 educadores, sendo quatro homens e as demais mulheres. A última turma, novembro de 2018, tivemos 25 egressos, cuja maioria era de mulheres com experiência na educação não escolar.

Em nossos registros o curso, desde o seu início, contou com professores com titulação em especialização, mestrado e doutorado, além de profissionais com experiência em políticas sociais e com trabalho em contexto não escolar. Os primeiros folders foram produzidos e colocados no site do Instituto Social Brava Gente e entregue para a AEPPA divulgar nos seus espaços de atuação.

Figura 1. Material documental e 2010 e 2011

Instituto Brava Gente
Curso de Extensão
Presencial
Formando Educadores Sociais

Este curso é para todos e todas que atuam ou desejam trabalhar como Educadores Sociais.

Curso Presencial com métodos e conteúdos que possibilitam a reflexão das práticas, troca de experiências, vivências e a construção de conhecimentos em Educação Popular

* Valores acessíveis, com possibilidade de Bolsas de Estudo Brava Gente.
 * Maiores informações site www.bravagente.org.br
 * Local: Rua da República 8 Pão dos Pobres - Porto Alegre
 * Fones: 51.3426.1503
 51.9664.7805
 51.9672.6773

Inscrições Abertas
Setembro de 2011

2010
Curso de formação:
Educador Social
em Pedagogia Freireana

Esse curso é para você que tem a partir do ensino médio e atua na educação formal e não formal: creches comunitárias, sistema prisional, oficinas, monitor, educador de rua, etc.

DATA - sextas, de 22 de outubro à 10 de dezembro.
 HORÁRIO - das 19 às 22h;
 MODALIDADE - Presencial / 30 horas/aula;
 COORDENAÇÃO - Prof. Dra. Merli Leal Silva;
 CERTIFICADOS - para quem obtiver até 75% de presença.
 VALOR - R\$ 200,00 (até 4 x R\$ 50,00);
 LOCAL - Sala de aula Brava Gente / Colégio Santa Rosa de Lima Rua Santa Teresinha, 572 / atrás do Planetário - Póo
 INFORMAÇÕES - Fones (51) 3388 5614 / 9158 8858 c/Merli

PROGRAMA
 Fundamentos de Educação Popular;
 Intervenção sócio-educativa à Educação Popular: prática de liberdade e autonomia (Paulo Freire);
 Educador Social: perfil e demandas profissionais;
 A organização do trabalho sócio-pedagógico;
 O papel do educador e a relação educador-educando;
 Práticas de Educação Social em Sistemas Educativos Formais e não Formais;
 Psicologia Social e Educação Popular.

INSCRIÇÕES / CURSOS
WWW.BRAVAGENTE.ORG.BR

O currículo do curso foi construído nos pressupostos da Pesquisa Participante, que segundo Brandão (1984), é uma atividade educativa de investigação e ação política. A Educação Popular no curso esteve presente não só como metodologia (Rodas de Conversa, Partilha de Saberes, Cartas Pedagógicas e Círculos de Cultura) mas como concepção teórica a qual pressupõe discutir o conteúdo trabalhado a partir de uma base teórica e de um projeto de educação e sociedade. Em nosso caso, optamos pela teoria crítica e pelo projeto societário emancipatório, tensionando outros projetos que mesmo não se identificando como capitalista não buscam romper com tal lógica.

O componente e a organização curricular do curso foi modificando conforme a necessidade temática conjuntural, mas os eixos temáticos estruturantes permaneceram os mesmos: Educação Popular, educação não escolar, movimentos sociais e políticas sociais.

3.1 formações de educadores sociais: os limites, os avanços e as possibilidades

Através das demandas de formação de educadores na perspectiva da Educação Popular via AEPPA, surgiu em 2010, no Instituto Social Brava Gente o Grupo de estudos Interdisciplinar em Educação Popular, coordenado pela professora Merli Leal. Esse grupo realizou vários encontros de estudos e de apresentação de trabalhos a partir de tema

advindos da realidade do trabalho dos educadores sejam eles atuantes na escola ou fora da escola. O curso: formação de educadores sociais na perspectiva da Educação Popular foi se ampliando e definindo-se, conceitualmente, a partir dos estudos sobre Educação Popular e Paulo Freire.

A Associação de Educadores Populares de Porto Alegre (AEPPA) criou em 2014 um grupo de estudos e pesquisa intitulado: Educação Popular e Paulo Freire e nesse grupo duas atividades anuais são realizadas desde o seu surgimento: um seminário de socialização dos estudos e a participação no Fórum de Estudos e Leituras de Paulo Freire que nesse ano completou a sua vigésima edição.

Fazendo uma análise geral referente a experiência, os limites apresentados são diversos. Os educadores sociais não são valorizados, reconhecidos e regulamentados como profissão. Assim sendo há várias nomenclaturas para uma mesma ocupação: oficinairo, monitor, facilitador, agente socioeducativo, agente educador, entre outras. Não existe um sindicato que os represente e, em Porto Alegre, não há plano de carreira para educadores que atuam em iniciativa privada. A maioria dos educadores sociais trabalham em Organização Não Governamental (ONG).

Esses temas passaram a ser discutidos a partir de 2016 nos cursos via AEPPA e Instituto Social Brava Gente. Já contamos com estudos e pesquisas que tratam do caso específico da valorização do educador social, como a dissertação de Santiago Pavani Dias – referência utilizada por nós desde a publicação do seu trabalho. Além desse trabalho contamos com a tese de Régis Alan Bauli.

A Educação Popular é pouco compreendida entre educadores sociais, pois a maioria a entende como metodologia. Usa-se educação social no lugar de educação de educação não escolar.

Entendemos que a Educação Popular não é sinônimo de metodologia, assim como a Educação Social não é sinônimo de educação não escolar. Esse é um tema que merece ser discutido e pesquisado.

A Educação Popular com base em Freire é direcionada a um projeto de sociedade não capitalista e as classes populares são convocadas a lutar contra toda forma de opressão.

O que se chama de Educação Social no Brasil se ocupa em trabalhar com pessoas em situação de vulnerabilidade social. Percebemos ao longo dos cursos que carecemos de um estudo sobre o que é o social na educação, pois entendemos que não existe educação que não seja social.

Nos preocupamos com esse tema, principalmente porque a Educação Popular visa a transformação da sociedade e não apenas projetos de inclusão social, os quais remediaram a realidade excludente dos sujeitos que vivem em situação de opressão econômica, cultural e educacional.

Os cursos para educadores sociais na perspectiva da Educação Popular possuem uma ligação íntima com os movimentos sociais populares e outros espaços de debate acerca das políticas sociais. O compromisso com as classes populares é o de articular teoria e prática nos pressupostos da Educação Popular de raiz revolucionária, cuja formação omnilateral é o princípio educativo e a luta engajada é o fundamento ontológico (PAULO, 2018). A pedagogia inspiradora é a socialista e os autores que tem colaborado com essa pauta são Marx, Makarenko, Pistrak, Gramsci e Paulo Freire (MANACORDA, 2006).

Paulo Freire necessita ser estudado nas universidades e fora dela. Este autor não trabalha a concepção de educação social, nem mesmo no livro intitulado: *Educadores de Rua - Uma abordagem crítica*. Para nós, Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão são importantes referenciais teóricos da Educação Popular, ainda estão pouco presentes nos cursos de formação de educadores sociais.

Paulo Freire, no livro citado acima, demonstra a sua aproximação com Educadores Sociais de Rua, especialmente quando esteve presente Projeto Alternativas de Atendimento a Meninos de Rua UNICEF/SAS/FUNABEM. Neste livro, Freire não utiliza o termo educação social, talvez porque - na sua perspectiva teórica- ele entenda que toda educação é social, mas nem toda é popular (PAULO, 2018).

Existe um projeto denominado Axé, em Salvador (BA), em que Paulo Freire é o inspirador do projeto, segundo Cesare de Florio la Rocca:

Nossa filosofia inicial foi baseada na construção teórica de Paulo Freire. À medida que íamos armando os educadores com essa pedagogia, começamos a verificar que criança que está na rua -depois verificamos isso na criança de periferia, da classe popular- perdeu, ou tem escondida, a característica fundamental da infância, que é sonhar, desejar e ter ambições. Então elaboramos uma proposta pedagógica em que estimulamos permanentemente o menino e a menina a voltar a desejar e a sonhar. E sonhar alto.¹

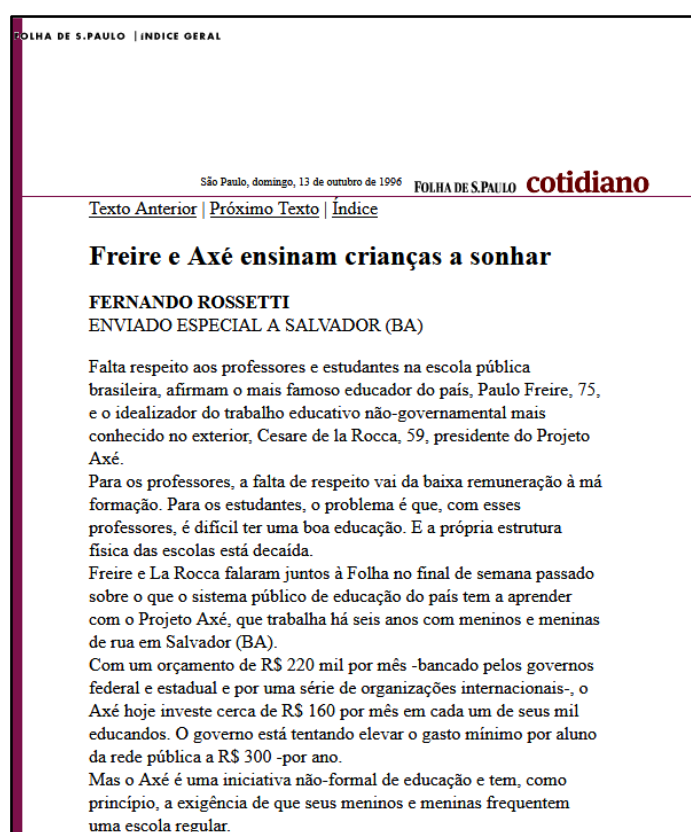
Suspeitamos que Freire seja uma das principais referências do que chamam de educação social no Brasil por conta de projetos como este em que Freire teve participação,

¹ Publicado na Folha de São Paulo, em 13 de outubro de 1996. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/10/13/cotidiano/30.html>. Acesso: abril de 2018.

mas não porque ele tenha expressado tal definição conceitual. Vejamos o que diz o jornal sobre esse projeto:

Folha - Freire e La Rocca falaram juntos à Folha no final de semana passado sobre o que o sistema público de educação do país tem a aprender com o Projeto Axé, que trabalha há seis anos com meninos e meninas de rua em Salvador (BA). **Freire** - A experiência do Axé é altamente positiva, utópica, no sentido que eu defendo. É um sonho que fala do sonho, é um sonho de dignidade humana. Veja o ambiente físico em que estamos (a empresa-escola, no Pelourinho), o cuidado com as paredes, com as cores. Você entra em uma sala como esta e descobre, sem nenhuma dificuldade, a unidade. Não é justaposição, é unidade entre boniteza, seriedade e rigor. Você encontra a ética realmente casada com a estética -e para mim, cada vez mais, é difícil vê-las separadas. Uma estrutura material como esta, limpa, cheirosa, bonita, necessariamente tem em si uma pedagogia. Essa estrutura aqui cobra da criança o respeito por ela. (Folha de São Paulo: 13 de outubro de 1996.).

Figura 2 Folha de São Paulo: 13 de outubro de 1996



O Projeto Axé², que desenvolve atividades educativas com meninos e meninas de rua em Salvador (BA) é um exemplo de proposta alternativa ao modelo neoliberal de educação. E, sobre isso vemos o que Freire discute conceitualmente:

² Fundado em 1990 pelo ítalo-brasileiro Cesare de Florio La Rocca. O Projeto Axé é uma organização não-governamental que atua na área da educação, arteeducação e defesa de direitos de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, em especial os que vivem em situação de rua na Cidade de Salvador-Bahia. O processo educativo do Axé é iniciado com a Educação de Rua, que estabelece vínculos

O discurso neoliberal está indiscutivelmente imbuído de uma ideologia fatalista, que opera apenas quando o objeto paciente da ideologia são as classes populares: "Há 33 milhões de brasileiros que morrem de fome. É trágico, mas o que é que se pode fazer, a realidade é essa mesma". Milhões de homens e mulheres se desempregam no mundo, não só no Brasil. O que se diz? Que é uma fatalidade do fim do século. Mas os trilhões de dólares que andam pelo mundo, esse capital ganancioso, terrível, indo de um lugar a outro onde dê mais, isso perturba, cria crises, pode acabar com o equilíbrio da economia de um país da noite para o dia. (Folha de São Paulo: 13 de outubro de 1996.)

Esses temas são trabalhados nos cursos da AEPPA e do Instituto Social Brava Gente e a partir dessas temáticas, observamos que a universidade deve assumir o compromisso de trabalhar a educação não escolar nos cursos que foram educadores, assim como se faz necessário estudos teóricos sobre as diferenças entre educação não formal, educação não escolar e educação social. Utilizamos aqui a expressão educação não escolar por entendemos que ela é mais ampla e abarca espaços formais e não formais. Os educadores sociais trabalham em contexto não escolar formalizados como pode ser observado na dissertação de Paulo (2013).

Destacamos que as possibilidades emergentes advêm de experiências como essa do da AEPPA e do Instituto Social Brava Gente. Mas o limite é a socialização dessas experiências, pois não existe pesquisa que tenha mapeado cursos para educadores sociais no Brasil.

Considerações Finais

Observamos que as necessidades formativas necessitam de uma diretriz nacional, a qual esteja embasada pelas políticas de garantia e direitos. A Educação Popular é uma opção conceitual teórico-prática, porém existem outras. É imperativo a análise das tensões e contradições que aparecem nos cursos de formação de educadores sociais e nos textos produzidos sobre esse tema.

As conclusões são provisórias, contudo são tanto teóricas como práticas. Os principais apontamentos descritos no decorrer do artigo necessitam de mais estudos e requerem, se utilizarmos a Educação Popular como referência, uma interpretação crítica.

O principal objetivo desse texto foi alcançado, pois desejávamos recuperar a trajetória do curso para educadores sociais, e para tanto a sistematização de experiência nos permitiu estabelecer um diálogo entre autores da Educação Popular e a experiência prática de um projeto de curso realizado em Porto Alegre (RS).

Temos hipóteses do porquê não temos um material histórico e catalogado sobre essas experiências de educação não escolar e de educadores sociais. A partir da experiência de sistematização constatamos que a universidade está distante do tema da educação não escolar e da realidade de trabalho do educador social e, talvez por isto, não localizamos um arcabouço teórico que contribua na justificativa de cursos na universidade para educadores sociais.

Muitos dos educadores sociais não acessaram a universidade e quando acessam o tema não é trabalhado no currículo dos seus cursos e nem por eles é investigado. Supomos que quando os educadores sociais começarem a pesquisar a realidade do seu trabalho será quando a universidade tomará ciência e consciência desse contexto educativo.

Atentamos que os ensinamentos das experiências precisam ser socializados e registrados. Consideramos que as metodologias participativas contribuem para esse trabalho de pesquisa. Devemos, portanto, recorrer a outras formas de linguagem além da textual em forma de trabalho acadêmico, tais como: teatro, exposição de fotos, vídeo, gráficos, cartilhas, documentários. Uma experiência piloto de registro dá-se na participação de educadores sociais nos Fóruns de Leituras e Estudos Paulo Freire, mas a mais participar e específica data o ano de 2018 com a publicação de um livro que registra as experiências de Educação popular e de educadores sociais e populares que participaram do Curso de extensão - Educação Popular: trabalho e formação de educadoras/es populares de Porto Alegre. O livro em formato de e-book foi financiado pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul – campus Restinga, com o título: Registros de experiências de Educação Popular: histórias e memórias de educadoras (es) populares e educadoras (es) sociais.

Por fim, concebemos que a AEPPA e o Instituto Social Brava Gente fazem parte da história da educação brasileira, e nesse artigo, sistematizamos um dos trabalhos realizados por essas instituições. Por isso, convidamos educadores sociais a registrarem as suas experiências formativas e a conhecerem os trabalhos realizados na concepção de Educação Popular e na pedagogia freiriana espalhados pelo Brasil.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos R. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo, Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Pesquisa Participante e a partilha do saber: uma introdução**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues e STRECK, Danilo Romeu (Orgs.).

Pesquisa Participante: o saber da partilha. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Cartas à guiné-Bissau**: registros de uma experiência em Processo. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Educadores de Rua**: Uma abordagem crítica - Alternativas de atendimento aos meninos de rua. Editorial Gente Nueva: UNICEF, Julho, 1989.

JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**. Ministério do Meio Ambiente. Brasília: 2006.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PAULO, Fernanda dos Santos. **A formação do (as) educadores(as) populares a partir da práxis**: um estudo de caso da Aeppa. 2013. 278 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

PAULO, Fernanda dos Santos. **Pioneiros e pioneiras da Educação Popular freiriana e a universidade**. 268 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2018.

PAULO, Fernanda; SEABRA, V. N. (Org.) ; PAVANI, G. J. (Org.). **Registros de experiências de Educação Popular**: histórias e memórias de educadoras (es) populares e educadoras (es) sociais. 1. ed. Passo Fundo: Saluz, 2018. 220 p.

SANTOS. Boaventura Sousa. **Crítica à razão indolente contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

STRECK, Danilo Romeu; ADAMS, Telmo. **Pesquisa participativa, emancipação e (des)colonialidade**. Curitiba: CRV, 2014.